

“SABINA”: RESPOSTA MACHADIANA AO MITO FUNDACIONAL
BRASILEIRO

POR

PAUL DIXON
Purdue University

A coletânea *Americanas* (1875) representa uma curiosidade na obra de Machado de Assis, pois é, na maior parte, um grupo de poemas indigenistas escrito por um autor que, como se verá, tinha sérias dúvidas sobre o indigenismo. No momento da elaboração dos textos do livro, Machado admirava poemas de Gonçalves Dias sobre o índio brasileiro (Marques, Jobim 578-80). Aparentemente sentiu a força de um movimento nacionalista entre seus compatriotas e a poderosa presença do indígena no programa do grupo, e não queria ficar às margens do projeto. Mas não teve êxito nessa participação poética. Se a opinião geral é que Machado não foi um grande poeta, o livro *Americanas* mal possui a força estética para refutar essa avaliação.¹ Não é meu objetivo aqui defender a qualidade desses poemas, nem reabilitar a reputação de seu autor. Para mim, o principal interesse da coletânea é o que ela possa contribuir à questão das ideias nacionalistas de Machado. Quero colocar *Americanas* ao lado do conhecido ensaio, “Instinto de nacionalidade”, sugerindo que o livro de poemas é um complemento do ensaio. Em seu livro sobre a poesia de Machado de Assis, L. C. Ishimatsu já fez o mesmo, sugerindo que o tema do índio, em si, só era um problema para Machado quando o tratamento do nativo carecia daquele “sentimento íntimo” típico da psicologia brasileira, proposto no ensaio, e que o projeto de Machado na coletânea era caracterizar os indígenas com aqueles traços da alma brasileira (99-100). Como exemplo desse intuito, podemos mencionar o poema indigenista “Niãni”, que examina a questão dos ciúmes de uma esposa, provocados pela infidelidade de seu esposo, e exacerbado pelo fato de que a amante escolhida pelo companheiro é de uma classe inferior à da esposa. A projeção de elementos psicológicos da burguesia brasileira é muito evidente, mas tem muito menos força emocional do que a imposição de valores românticos vista na prévia geração poética, no caso do “bom selvagem”. Mas *Americanas* não é simplesmente a

¹ A opinião negativa sobre a produção poética de Machado começou na época do autor (Romero 20-30, Veríssimo 56-57), e se consolidou na geração dos modernistas brasileiros. Veja-se, por exemplo, Mário de Andrade (97-102) e Manuel Bandeira.

confirmação daquele “sentimento íntimo” do ensaio, aplicação daquela teoria estética aos habitantes originais do continente. Há ainda outra ideia importante no livro, e quero propor que o poema “Sabina”, sendo a mais importante exceção à tendência indigenista do resto do livro, tem um papel fundamental na compreensão dessa outra ideia e do programa nacionalista machadiano.

UM POEMA DO ENGENHO DE AÇÚCAR

“Sabina”, poema narrativo em decassílabos, investiga a problemática da miscigenação do negro, e em particular a situação do escravo que já tem sangue misto, que goza de privilégios em alguns sentidos, mas que ao mesmo tempo sofre de limitações rígidas na mobilidade social e na expressão de sua vontade:

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha, e na província toda
Não havia mestiça mais à moda
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para o trabalho rude.
Debrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala. (3: 550)

Em alguns pontos, o silêncio do poema fala alto. Não há nenhuma explicação das origens de Sabina. As normas conhecidas da cultura do engenho em que as moças brancas são protegidas na casa grande enquanto seus irmãos circulam livremente entre a comunidade negra, sugerem uma mãe escrava, e um pai branco. Mas qual dos homens do engenho teria sido seu pai? Não se sabe. Porém, sua posição privilegiada entre todas as escravas, o fato de que não “tinha mãos para o trabalho rude” e de que “não entrava na senzala” sugere que ela seja filha de um membro da família dos senhores. Sua filiação parece ser um desses semi-segredos familiares, desses fatos que muitos sabem, mas ninguém comenta.

A posição superior da moça afeta grandemente seu círculo afetivo:

Dizem que à noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que um dia,
Um hóspede que ali passado havia,
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?
Não pode haver o coração da bela.

Se alguém lhe acende os olhos de gazela,
É pessoa maior: é o senhor moço. (3: 550)

Tendo recebido os mimos de uma moça da casa grande, Sabina também é receptora de sua perspectiva exclusiva. O feitor, supostamente um branco ou pelo menos um homem livre e de alguns recursos, teria sido um bom par para ela, ao menos no sentido da ascensão social. Um hóspede na casa, também supostamente um senhor branco, teria oferecido outra oportunidade para uma vida respeitável, longe da senzala. Mas Sabina está cega a tais aberturas, pois sua mente foi contaminada pela mentalidade dos senhores: só tem olhos para o “senhor moço”, neste caso, para o filho do senhor do engenho. Como quase sempre vemos nas narrações machadianas, e como “Instinto de nacionalidade” exige, há um enfoque agudo na psicologia dos personagens. Vemos aqui uma mulher não tão diferente de uma Iaiá Garcia ou uma Capitu, que, pela convivência com seres de uma posição superior, acaba com a identidade alterada, talvez um tanto deformada, perdendo o interesse nas pessoas de seu próprio meio social.

A posição precária de Sabina é notável. O engenho é reconhecido como um espaço que permite intimidade entre os senhores e seus escravos. Porém, como Roberto DaMatta indica, tais relações cordiais só eram possíveis porque as grandes diferenças de nível social nunca foram duvidadas (74-79). A amizade com pessoas brancas só pode desenvolver-se até certo ponto; as relações casuais são permitidas e até encorajadas, mas há uma barreira muito rígida que torna impossível qualquer sentido de autêntica igualdade.

O poema revela o outro lado da questão dos privilégios de mucama:

Riem-se dela as outras; é seu nome
O assunto do terreiro. Uma invejosa
Acha-lhe uns certos modos singulares
De senhora de engenho; um pagem moço,
De cobiça e ciúme devorado,
Desfaz nas graças que em silêncio adora
E consigo medita uma vingança. (3: 554-55)

Se, por um lado, uma verdadeira acolhida pela família da casa grande sempre será limitada, por outro lado há resistência e ciúme na comunidade dos outros escravos. Afinal de contas, a situação intermediária de Sabina, como mucama, cria condições em que ela não pertence nem à senzala, nem à casa grande.

Otávio, o filho do senhor do engenho, está fazendo o curso universitário na cidade, mas sempre volta ao engenho durante as férias. Ao sair para “passarinhar no mato” uma manhã (3: 550), descobre Sabina, banhando-se no rio: “Não pode / Furtar-se Otávio à comoção que o toma; / A clavina que a esquerda mal sustenta / No chão lhe

cai” (3: 552). A moça ouve a queda da arma, e imediatamente tenta fugir e cobrir-se. Mas o jovem implora:

Flor da roça nascida ao pé do rio,
 Otávio começou – talvez mais bela
 Que essas belezas cultas da cidade,
 Tão cobertas de jóias e de sedas,
 Oh! Não me negues teu suave aroma! (3: 553)

É claro que aqui “aroma” é uma metonímia pudica, representando uma paixão muito mais concreta. Já apaixonada pelo “senhor moço”, Sabina cede a Otávio seu “aroma”, e também todo o resto, cada manhã, na beira do rio, durante suas férias no engenho. Quando o estudante volta à cidade, Sabina já está grávida: “Sabina é mãe; o sangue livre / Gira e palpita no cativo seio” (3: 554).

O retorno de Otávio para a fazenda, em vez de providenciar uma reunião entre os amantes, mostra como é impossível uma relação duradoura. O jovem traz consigo sua nova esposa, “Uma flor desbrochada em seus quinze anos, / Que o moço viu num dos serões da corte / E cativo adorou” (3: 555). Interessante o adjetivo “cativo” aqui, pois o poema supostamente é sobre uma cativa, e não um cativo. A representação de Otávio como “cativo”, além de ser uma mera figura romântica reconhecendo o domínio das emoções sobre as pessoas, pode sugerir que a cultura do engenho tenha um poder dominante sobre todos, tanto os de cima como os de baixo, determinando seus modos de pensar e portanto sua liberdade. Tanto Otávio como Sabina seriam cativos de uma ideologia da casa grande, que os torna cegos a certas opções, reduzindo as possibilidades de suas escolhas afetivas.

Quando Sabina descobre que Otávio está casado, resolve afogar-se no mesmo rio que tinha assistido aos encontros apaixonados entre ela e seu amante. Porém, no momento decisivo, ela volta atrás:

Ia a cair nas águas,
 Quando súbito horror lhe toma o corpo:
 Gelado o sangue e trêmula recua,
 Vacila e tomba sobre a relva. A morte
 Em vão a chama e lhe fascina a vista;
 Vence o instinto de mãe. (3: 556)

A mestiça, então, vai gerar outro mestiço. Enquanto Otávio consegue se desassociar, constituindo um casamento legítimo que supostamente levará a uma prole reconhecida com futuro seguro, Sabina fica para trás, perpetuando um legado de contingência, dando vida a mais um indivíduo que será forçado a negociar o meio-termo inseguro do mulato. E haverá outro reconhecimento tácito e ambíguo do filho, outra acolhida parcial para

a casa grande, que lhe dê um certo privilégio em comparação com os outros escravos, porém criando ao mesmo um purgatório de desejos e expectativas impossíveis?

Nesse ponto de recusar o desfecho do suicídio, o poema, que em outros aspectos nos parece tão romântico, mostra uma das principais reservas de seu autor com o movimento dos “suspiros poéticos e saudades”. O compromisso emocional de força suficiente para renunciar à própria vida – tal solução dificilmente cabe na visão do mundo que Machado está em processo de desenvolver. Já nessa altura parece que o autor entende o mundo mais nos termos de Quincas Borba, que afirma nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* que a única desgraça da vida “é não nascer” (1: 732). Rejeitando o suicídio como opção, Sabina já demonstra o paradigma machadiano do ser movido pela vontade de viver e de aproveitar ao máximo as oportunidades apresentadas pela vida.

O MODO FUNDACIONAL

E tal motivo do nascimento de uma nova geração sugere um nexos com um modo narrativo muito comentado nos últimos anos, o da “foundational fiction”, analisado por Doris Sommer. O conhecido livro de Sommer identifica um grupo de romances latinoamericanos, escritos em geral por autores que também ocupam postos políticos em seus respectivos países, narrativas em que “eroticism and nationalism become figures for each other,” em que “the rhetorical relationship between heterosexual passion and hegemonic states functions as a mutual allegory” (31). Uma das figuras constitutivas desse modo é a procriação entre amantes de raças diferentes, o filho produzido representando a visão idealista de um povo unido pela síntese pacífica das etnias originais, muitas vezes antagonicas e desiguais na realidade histórica (Sommer 77-78).

A relação entre “Sabina” e esse gênero é parcial e um tanto problemática. Quero mostrar que, na época da elaboração dos poemas de *Americanas*, Machado intui a força fundacional desse modo narrativo mas que, afinal de contas, não pode aceitá-lo plenamente, oferecendo, por outro lado, uma visão das origens nacionais mais problemática e realista.

A coletânea em questão está composta, na maior parte, de poemas narrativos que remontam aos primeiros anos da colonização do Brasil. Tanto no título, como na escolha desse momento de origens, podemos descobrir uma intenção fundacional no projeto do livro. *Americanas* é o mais nacionalista de todos os livros machadianos. “Potira”, o primeiro poema, cuja epígrafe cita uma antiga crônica jesuíta, conta a história de uma indígena, convertida ao cristianismo, que é morta por resistir à incursão sexual de um bandeirante. Neste sentido, parece ser a antítese de uma narrativa fundacional de mestiçagem. “Niâni”, ainda outro poema cuja epígrafe cita um texto histórico sobre os índios brasileiros, conta como a honra de uma jovem esposa é ofendida quando seu marido a abandona por outra mulher. “Cantiga do rosto branco” é uma tradução de um poema indigenista de Chateaubriand, cujo tema é o ciúme e a infidelidade

conjugal. “Os orizes” é um fragmento de um poema, aparentemente planejado, sobre a derrota de uma tribo de nativos. “A cristã-nova” narra a vida de uma mulher, seu marido, e seu pai, todos os três conversos, na época da fundação do Rio de Janeiro. A sinceridade do cristianismo dos primeiros é total, mas a alma do velho pai “nem toda era de Cristo / Nem toda de Moisés” (3: 524). O marido defende valentemente o território português contra os franceses, mas o pai sofre às mãos do Santo Ofício. “José Bonifácio”, o poema mais curto do livro, elogia um dos pais espirituais da pátria. “A visão de Jaciúca” relata os preparativos de uma tribo para o combate contra um novo inimigo. Os guerreiros são interrompidos por um dos anciões da tribo, contando uma visão que teve em que seu povo foi derrotado e quase aniquilado pelas forças do homem branco. “Gonçalves Dias” dá louvores ao “cantor da América”. “Os semeadores” se dirige àqueles que colhem “o doce fruto e a flor”, e é um chamado para não esquecer “os heróis” que enfrentaram grandes desafios para plantar as sementes da nação. “A flor do embiruçu” é o único poema em que não posso descobrir uma referência nacional ou patriótica além da óbvia planta brasileira; é um simples elogio a uma flor noturna, e ao descanso oferecido pelo sono às ansiedades da vida. “Lua nova” imagina uma reza cantada pelos primeiros nativos a Jaci, deusa da prosperidade e mãe dos frutos. “Última jornada”, outro poema indigenista, trata do lamento de um marido ciumento.

Na temática da coletânea, há uma preferência pelo índio, o que é interessante quando consideramos que no famoso ensaio “Instinto de nacionalidade”, publicado em 1873, Machado havia avisado que “a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária” (3: 1204). A atenção dada ao índio em *Americanas* talvez possa diminuir um pouco o tom dogmático com o qual Machado se desfaz do personagem nativo em seu ensaio. Mas em *Americanas*, também há evidências de que o autor não considerava o índio um elemento suficiente em si para estabelecer os alicerces da narrativa fundacional. Aumenta-se a diversidade dessa geração incipiente, primeiro com os cristãos-novos, e afinal, em “Sabina”, com o elemento africano.

Na altura de escrever “Instinto de nacionalidade” e de elaborar os poemas de *Americanas*, Machado com certeza estava fascinado com a idéia da fundação de uma narrativa nacional, e com os temas e mecanismos que pudessem alcançar tal fim. O grande impacto causado pela poesia de temas indígenas de Gonçalves Dias fica óbvio nas referências do ensaio, e é fácil imaginar que Machado tivesse sido impressionado pelos romances de José de Alencar, *O guarani* (1857), *Iracema* (1865), e talvez *Ubirajara* (1874), como também por vários outros textos indigenistas produzidos por autores da época. Machado devia ter sentido o impulso de tentar unir-se a esta geração de escritores empenhados em lançar o alicerce da literatura nacional. Porém fica claro em “Instinto de nacionalidade” que ele sentia grandes insuficiências no programa elaborado até aquele momento. Proponho neste artigo que o conhecido

ensaio enumera a maior parte dos senões de Machado sobre aquele projeto, mas nem todos, e que a coletânea *Americanas*, e especialmente o poema “Sabina”, ajudam-nos a ter uma compreensão mais ampla da perspectiva de Machado sobre a questão da narrativa fundacional brasileira.

Ao analisar José de Alencar como uma figura central na criação de uma narrativa fundacional brasileira, Doris Sommer plantea um problema, ao meu ver, muito importante. Segundo Sommer, quando Alencar propõe a conciliação da raça branca com a raça indígena, sugerindo o efeito positivo da mestiçagem, o autor já está seguindo a linha de pensamento de um ensaio de Karl Friedrich Philipp von Martius, que em 1847 havia tirado o primeiro prêmio num concurso de ensaios patrocinado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (151). Até então a tendência dos historiadores havia sido a de caracterizar o Brasil como a continuação da cultura portuguesa e a expansão dos valores europeus. A tese de Martius era que fazia falta dar ênfase aos aspectos particulares do Brasil, aos efeitos únicos de sua situação geográfica e histórica, e que o principal fator que devia ser levado em consideração era justamente o encontro e a mistura das três raças que compõem o povo brasileiro (151).

O ponto mais interessante de Sommer é que enquanto Martius analisou com entusiasmo a contribuição dos portugueses e dos índios ao desenvolvimento da nação, ele passou por alto a herança dos africanos, dizendo apenas que o Brasil teria sido muito diferente sem a sua presença, e que algum dia os historiadores iriam decidir se sua influência havia sido positiva ou negativa (153). A análise de Sommer nos ajuda a entender que Martius, aquele que combateu o preconceito europeu na historiografia brasileira, abrindo as vistas para a importante presença do indígena na formação nacional, havia caído no mesmo preconceito quando se tratava dos africanos. É claro que esta não é a primeira manifestação de tal preconceito de racismo. Séculos antes, no hemisfério, por exemplo, os padres Bartolomé de las Casas (pelo menos no início) e Antônio Vieira tinham combatido a escravatura dos índios, propondo como remédio desse mal a importação de escravos africanos (Benítez Rojo 69-104; Palacin 18). Nem o combate ao racismo tem sido isento do preconceito de raças!

E Sommer ainda demonstra que o projeto de Alencar participa do mesmo preconceito, pois seu programa de representar em romances os gaúchos, os bandeirantes, os índios e os outros grandes fundadores da nação não incluía os africanos, e que a presença da raça negra só seria reivindicada na terceira década do século vinte com o livro *Casa grande e senzala* de Gilberto Freyre:

Like Martius and unlike Freyre, Alencar was evasive about blacks in his best-selling books about the racial amalgam that founded Brazilian society. In order to cover over the space where blacks might have made an appearance, Alencar reduced Martius’s color scheme from three to two. He makes the fashionable earth-tone cover up the deeper hue, and so helps to paint a lasting picture of Brazil where black is so often

taken for brown. (154-55)

E, citando Afrânio Peixoto, Sommer afirma que o contínuo enaltecimento do índio, como antepassado do povo brasileiro, junto com a negação do negro, constitui uma falsificação das origens da nação (155).² David Haberly demonstra que os discursos de Alencar na Câmara dos Deputados, como também as posições tomadas por ele, confirmam o preconceito sugerido na obra ficcional, e que ele não era diferente, neste aspecto, de outros escritores que supostamente elogiavam a mestiçagem como chave da fundação da nação (51-52; Stam 11-12)

O livro *Americanas*, produzido mais ou menos na mesma época do ensaio “Instinto de nacionalidade”, pode ser lido como um texto-companheiro do conhecido ensaio, em certo sentido talvez uma correção para uma ideia um tanto distorcida do segundo texto. À luz da coleção de poemas, entende-se que o indígena não é um tema fraco ou inválido para a criação de uma narrativa nacional, mas que indigenismo em si não é suficiente. Havia que incluir outros grupos que também deram sua contribuição, apesar das forças opressivas da cultura dominante, grupos como o dos cristãos-novos. Mas em particular, o livro, através do poema “Sabina”, reivindica o lugar do negro nesta implantação de uma narrativa de origens.

No ensaio, o alvo da crítica machadiana seria a superficialidade de um programa literário nacionalista em que apenas os traços objetivos constituíssem o vocabulário do projeto – traços como os tipos étnicos e regionais, os costumes e as práticas tradicionais, a flora e a fauna, e até a linguagem brasileira (3: 1205). O remédio proposto era o exame de uma psicologia autêntica, uma perspectiva cultural brasileira, “um certo sentimento íntimo” (3: 1205). A contribuição implícita de *Americanas* é a sugestão de que seria uma distorção, ao criar um mito da geração do povo brasileiro por meio da mestiçagem, convidar apenas o índio para compartilhar o palco com a raça lusitana, e excluir outras linhagens, tais como os judeus e os africanos.

“Sabina” também contribui a uma crítica do mito da mestiçagem como o “happy result” (Sommer 161) de um amor mútuo entre representantes de raças diferentes. O romance *Iracema* mostra o idealismo que caracteriza essa narrativa fundacional. É claro que o romance não dá um resultado absolutamente feliz. Afinal *Iracema* morre de saudade, sentindo-se abandonada pelo amante branco. Mas o romance faz grande questão de representar Iracema como agente ativa em sua interação com Martim, bastante mais ativa de fato do que o homem, e não como objeto da agressividade de um branco. A associação entre os futuros amantes começa com um leve ataque e uma pequena ferida, pois Martim é alvo da flecha de Iracema. É a mulher indígena

² As palavras de Afrânio Peixoto, segundo Samuel Putnam: “Not wishing and not being able to invoke African fetishes, we have, by falsifying our origins and denying our blood-stream, made ourselves over into the descendants of *bugres*.” Citado em Putnam, 144-45, sem referência definida da fonte original.

que protege Martim contra as investidas ciumentas de um homem de sua tribo. É ela que abdica sua posição privilegiada de sacerdotiza. E é Iracema, e não Martim, que inicia a relação sexual, seduzindo o soldado branco enquanto está sob a influência de uma poção alucinante. Tais motivos são “ficções necessárias” para o mito de uma amalgamação pacífica e branda.

O argumento de “Sabina” é mais duro e certamente mais fiel à realidade histórica. Como Iracema, Sabina fica abandonada ao final. Mas à diferença do relato de Alencar, o de Machado não dá quase nenhuma agência à moça na relação. A parte ativa de Sabina nunca vai além de sentir atração pelo filho do senhor do engenho, e concordar com os encontros repetidos. A sedução é iniciada pelo rapaz. A responsabilidade pelo sofrimento da protagonista, portanto, cabe mais claramente ao homem branco. Outra grande diferença entre *Iracema* e “Sabina” é que o filho gerado é assumido e criado pelo pai no primeiro, enquanto no segundo o pai nem sabe que a moça está grávida. *Iracema* termina com o pai, Martim, levando o pequeno filho consigo em seu barco, no caminho para seu próximo destino de soldado. Por outro lado, o poema de Machado termina com a protagonista tremulando de frio, sozinha, sem futuro definido. Em termos programáticos, o romance de Alencar propõe um futuro em que as gerações de sangue misto serão incluídas na sociedade, enquanto o poema de Machado sugere um futuro muito mais inseguro. Na pior das hipóteses, o filho seria escravo, na melhor, seria outro membro contingente e marginal da casa grande, encontrando-se sempre às margens do privilégio.

UM ECO CLÁSSICO

Outro apoio da orientação nacional no poema de Machado é o seu título (e o nome da protagonista). As raízes da narrativa fundacional na cultura da antiguidade não são estudadas em Sommer, mas o livro *Imagined Communities*, de Benedict Anderson, estabelece de uma maneira mais explícita o fato de que quase todas as nações, da mais antiga à mais moderna, têm seus mitos de origens, baseadas na noção da geneologia. No ocidente, as três fontes mais influentes de lendas nacionais pertencem à cultura hebraica, à cultura helênica e à cultura romana. Cada uma possui uma rica narrativa em que suas origens são estabelecidas, geralmente em termos de um pai fundador, ou de pais fundadores, tais como Abraão (Darshan), Aquiles (Calame) e Eneias ou Rômulo (Carandini). As narrativas da antiguidade, em contraste com aquelas que são examinadas por Sommer, não precisam recorrer à alegoria, porque são explícitas em seu enfoque na fundação de uma sociedade por meio de novas famílias.

Embora os relatos originais da patria dêem ênfase ao progenitor masculino, seria absurdo descontar a importância da figura maternal nessas narrativas. O nome “Sabina” nos remete a uma dessas narrativas fundacionais por excelência, talvez um dos protótipos de todas as narrativas desse sub-gênero, à história do “rpto das sabinas”, encontrada

em Plutarco e Lívio. “Sabina”, assim, pertence a uma corrente bem estabelecida em Machado, pois a riqueza alusiva dos nomes de seus personagens é amplamente reconhecida.³ Ambas as versões da lenda contam os esforços de Rômulo por estabelecer um novo estado, cujos membros originais eram homens muito aptos na guerra, mas sem grandes distinções genealógicas. Havia uma escassez de mulheres nessa comunidade original; portanto, várias tribos da região foram convidadas a juntar-se com os primeiros romanos. Quando os apelos pacíficos de Rômulo foram redondamente rejeitados, o líder sentiu-se obrigado a usar a força. Os romanos espalharam a notícia de que fariam uma grande festa ao deus Netuno, e convidaram os habitantes dos povoados da região a participar. Compareceram não somente os sabinos, mas também alguns outros grupos locais. Quando Rômulo fez um gesto pré-combinado, os romanos sequestraram muitas mulheres (entre 30 a 683, dependendo da versão do relato) e forçaram os homens a fugir. A tomada dessas reféns provocou ataques pelas tribos ofendidas, batalhas sempre vencidas pelos romanos. Tendo conquistado os povos vizinhos, os romanos repetiram seu convite para a união pacífica, oferecendo cidadania completa aos homens vencidos. Os convites foram aceitos, e daí surgiu a primeira geração de novos romanos (Livy 13-15, Plutarco 40-41).

Como no poema de Machado, a lenda do rapto das sabinas trata da relação entre homens mais poderosos e mulheres mais frágeis, que serão mães. Há também nessa relação diferenças étnicas. Nos dois relatos, os homens desejam aquelas mulheres e lhes fazem pedidos. Poderíamos dizer, também, que nos dois textos as mulheres são tratadas como vítimas. A escolha do nome “Sabina” para o poema brasileiro parece ser um convite para perceber tais pontos de comparação entre as duas situações. Como já indiquei, a comparação também serve para reforçar a modalidade fundacional no caso do texto moderno, sugerindo que a relação entre Carlos e Sabina, como a dos romanos e as mulheres sequestradas, representa o estabelecimento de um novo clã ou povo.

No jogo de comparações, porém, as diferenças também têm grande valor, provavelmente maior que as semelhanças. Podemos notar, primeiro, que a procriação legítima, ou seja, a constituição de famílias reconhecidas, está no primeiro plano no caso romano. A questão toda tem a ver com a busca de um estado autêntico, em que os homens possam ser cidadãos com patrimônio inquestionável; portanto, o casamento tem um papel integral nas interações. Segundo Plutarco, os romanos fizeram questão de não roubar qualquer mulher já casada (40). Está claro no texto de Lívio que embora os homens forçassem as mulheres a separar-se de suas famílias, elas não foram obrigadas a ter relações sexuais com seu captores. Culpando os pais das mulheres por haverem recusado suas ofertas de casamento, os sequestradores propuseram o honroso matrimônio às mulheres, prometendo todos os bens e direitos civis que eram gozados pelas esposas

³ Por exemplo, veja-se Helen Caldwell (32-61), Sidney Chalhoub (130) e Wilberth Salgueiro.

de cidadãos de outros estados. Os romanos também ofereceram compensar as mulheres de qualquer separação permanente da família original, que pudesse resultar da decisão de casar com eles (Livy 14-15).

Nem o casamento nem a família faz parte das intenções de Carlos para com Sabina. O único momento em que vemos tais motivos no rapaz é quando ele volta para o engenho já casado, tendo escolhido uma moça de sua própria classe e raça. Não seria um exagero dizer que os valores de classe estão tão bem arraigados na mentalidade do filho do senhor de engenho, que ele nem percebe a possibilidade de unir-se legitimamente a Sabina.

Em Plutarco também há ênfase no livre arbítrio das mulheres, e na negociação racional que os romanos fazem com elas por meio de bens oferecidos. Todas as mulheres naquela época tinham um *estatus* inferior aos homens, mas podiam ser agentes livres, e nessa condição possuir alguns direitos. Os romanos ofereceram todos esses direitos às sabinas, e também prometeram que seus filhos homens seriam cidadãos. Para a época era o melhor que um homem podia dar a uma mulher. E como para selar tal oferta, os romanos prometeram que o único trabalho que seriam obrigadas a fazer era o de fiar lã (Plutarco 41). Parece que tal oferta de um trabalho explicitamente limitado era significativa para as sabinas, e que pode ter sido decisiva em persuadi-las a aceitar o casamento com os romanos. Como hoje, o trabalho que fazemos define a classe a que pertencemos. E a sugestão do texto de Plutarco é que fiar lã (e não fazer outro trabalho) era, para uma mulher daquele tempo um sinal de aristocracia.

Essencialmente, os romanos estão propondo um contrato às sabinas, que dará às mulheres benefícios e direitos claramente definidos. Voltando ao poema brasileiro, vemos uma quase total ausência desse aspecto de *quid pro quo*. Em vez de prometer qualquer coisa à Sabina, Carlos simplesmente elogia sua beleza e implora, “Não me negues teu suave aroma!” Quanto ao trabalho restrito, a Sabina machadiana realmente tem privilégios, pois não faz “trabalho rude”. Porém, à diferença do relato clássico, tal exclusão de tarefas mais baixas não tem um claro significado no sistema social, além de dificultar suas relações com os outros escravos. Sabina talvez não faça trabalho de escravo, mas continua sendo escrava.

É importante considerar a comparação entre o texto machadiano e a lenda clássica no contexto da recepção vigente daquela lenda na cultura ocidental. A ideia do “rapto das sabinas”, longe de ser uma questão apenas de narrativa, vem sendo acompanhada por uma grande dimensão visual também. Há inúmeros quadros e esculturas nos museus europeus, representando o sequestro, e certamente o relato oferece um cenário propício para uma imagem cheia de drama. E nessas representações muito conhecidas, há uma abundância de corpos nus ou semi-nus, o que é muito consistente com as práticas convencionais dos artistas. Por causa dessas imagens, creio que há uma distorção na recepção popular do relato clássico, que aporta uma sugestão de violência sexual onde ela não devia existir. A distorção se torna ainda maior no mundo anglófono, onde o

caso é conhecido como “the rape of the Sabine women.” Para quem não entende que a palavra “rape” inicialmente significava apenas “sequestro”, o vocabulário pode chocar e criar associações sexuais errôneas. Na recepção da lenda, então, há um efeito de desmascaramento, pois o caso que inicialmente parece ser extremamente bárbaro se revela, para quem estuda um pouco os detalhes, um tanto menos violento.

Talvez um dos efeitos do título alusivo, no caso do poema de Machado, seja uma relação irônica com o exemplo clássico, no que diz respeito a esse desmascaramento. Há uma inversão entre a primeira e a segunda impressão, também no poema brasileiro. Mas se no relato clássico o movimento é de menos civilizado para mais civilizado, no caso do poema machadiano, o movimento é o inverso. Atando-se ao conhecido costume de cordialidade no Brasil, o poema inicia mostrando a condição confortável e até mimada da protagonista. O texto parece apoiar a ideia de uma escravatura mais branda ou mais “civilizada” no Brasil, em que os cativos possam ter associações de intimidade e respeito com os senhores. Mas o poema acaba desmascarando tal hipótese, mostrando que uma cordialidade que não tenha bases estruturais, com relações de autêntica igualdade entre as pessoas, mais cedo ou mais tarde levará a abusos e violências, em que o lado mais vulnerável há de sofrer. Se o “raptio das sabinas” clássico é uma lenda em favor da inclusão do outro, a “Sabina” machadiana representa o oposto, uma cultura baseada em valores de exclusão.

O poema “Sabina”, então, tem uma função importante na coletânea *Americanas*, o livro mais parecido a uma “ficção fundacional” de Machado de Assis. Em relação à narrativa dominante que idealiza a mestiçagem com o índio e tende a excluir o negro, “Sabina” oferece uma correção eficaz, uma demonstração da necessidade de um alicerce cultural mais inclusivo, e um relato mais realista e crítico.

TEXTOS CITADOS

- Alencar, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *O guarani*. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. *Ubirajara*. São Paulo: Ática, 1981.
- Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 2006.
- Andrade, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.
- Assis, Machado de. *Obra completa*. 4 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- Bandeira, Manuel. “O poeta”. Machado de Assis. *Obra completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. 11-14.
- Benítez Rojo, Antonio. *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*. Hanover, NH: Ediciones del Norte, 1989.
- Calame, Claude. *Myth and History in Ancient Greece: The Symbolic Creation of a Colony*. Daniel W. Berman, trad. Princeton, NJ: Princeton UP, 2003.
- Caldwell, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro*. Berkeley: U of California P, 1960.
- Carandini, Andrea. *Rome: Day One*. Princeton, NJ: Princeton UP, 2011.
- Chalhoub, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DaMatta, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- Darshan, Guy. “The Origins of the Foundation Stories Genre in the Hebrew Bible and Ancient Eastern Mediterranean.” *JBI* 133/4 (2014): 689-709.
- Haberly, David. *Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge UP, 1983.
- Ishimatsu, L. C. *The Poetry of Machado de Assis*. Vol. 31. Chapel Hill: Albatros, 1984.
- Jobim, José Luís. “Machado de Assis and Nationalism: The *Americanas* Case.” Andrew Jager, trad. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 13/14 (2004-05): 571-83.
- Livy. *The Rise of Rome: Books 1-5*. T. J. Luce, trad. Oxford: Oxford UP, 1998.
- Marques, Wilton José. “Machado de Assis e Gonçalves Dias: encontros e diálogos”. *Luso-Brazilian Review* 43/1 (2006): 51-64.
- Palacin, Luís. *Vieira e a visão trágica do barroco*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- Plutarco. *Vidas paralelas: Teseu e Rómulo*. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho, trads. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.
- Romero, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.
- Salgueiro, Wilberth, “‘José da Costa Marcondes Aires’-conselheiro, diplomata, escritor: um nome-calidoscópico em Esaú e Jacó e Memorial de Aires”. *Espelho* 12/13 (2006-2007): 45-67.

- Sommer, Doris. *Foundational Fictions: The National Romances of Latin America*. Berkeley: U of California P, 1991.
- Stam, Robert. *Tropical Multiculturalism: A Comparative History of Race in Brazilian Cinema and Culture*. Durham, NC: Duke UP, 1997.
- Verissimo, José. *Estudos de literatura brasileira*. Vol. 4. São Paulo: Editora da USP, 1977.